

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA
19 de maio de 2022

ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA / 2001

um filme de Jorge Silva Melo

Realização: Jorge Silva Melo / **Argumento:** Jorge Silva Melo, baseado na peça teatral homónima / **Direcção de Fotografia:** José Luís Alcaine / **Cenários:** João Calvário e Ana Paula Rocha / **Giuarda-Roupa:** Rita Lopes Alves / **Música:** Jorge Palma e José Mário Branco / **Som:** Emídio Buchinho e Branko Neskov / **Montagem:** Teresa Font e Irene Blecua / **Interpretação:** Manuel Wiborg (António), Lia Gama (a mãe), Paulo Claro (André), Sylvie Rocha (Ana), Isabel Muñoz Cardoso (Teresa), Joana Bárcia, Ivo Canelas, Miguel Borges, Glicínia Quartin, Marco Delgado, etc.

Produção: Fábrica de Imagens / **Produtor Executivo:** José Mazedo / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, falada em português, 114 minutos / **Estreia:** King e Passos Manuel (Porto), a 18 de Janeiro de 2002.

Sessão apresentada por Lia Gama e Manuel Wiborg

António, um Rapaz de Lisboa é a transposição para cinema do espectáculo teatral homónimo que fora inicialmente levado à cena em 1995, no Acarte. Casos de peças teatrais que “dão” filme há muitos e variados na história do cinema. Peças teatrais que o próprio autor/encenador se encarrega de transformar em filme, já há menos. Essa, deve sublinhar-se, é a primeira singularidade deste filme de Jorge Silva Melo.

Outra, que resulta talvez na impressão mais forte que o visionamento do filme provoca, será o facto de, sem deixar de fazer cinema, Jorge Silva Melo também não deixar de fazer teatro – como se houvesse aqui uma curiosíssima experiência de “síntese”. É evidente que se pode perguntar “onde é que está o teatro?” num filme assim, em que a montagem fragmenta tempos e espaços, em que o ritmo narrativo é aceleradíssimo e tudo parece acontecer a uma velocidade estonteante. Mas se repararmos, o filme organiza-se numa profusão de “blocos”, que em plano sequências preservam aquela energia muito especial da duração, da *durée*, que se impõe às acções e aos espaços (algo que talvez não seja plenamente perceptível a uma primeira visão do filme – o ritmo velocíssimo, a mobilidade da câmara e dos actores, talvez tudo isso contribua para falsificar um bocadinho a memória com que se fica de **António**). O que há aqui, para lá de um movimento sempre febril, é a concepção de cada plano como se tratasse de, ao mesmo tempo, conceber um palco. E não necessariamente um palco “simples”, despido, mas estruturas razoavelmente complexas. As cenas dentro da agência onde trabalham as personagens principais, onde se mexe a câmara, mexem-se

os actores, e o som "off" do espaço circundante invade permanentemente o campo, serão apenas os momentos em que isso melhor, e mais exuberantemente, se vê.

É um termo de que nos últimos tempos se tem talvez usado e abusado, mas mesmo assim apetece dizer que **António, um Rapaz de Lisboa**, é até pelas razões acima expostas, um filme musical, mais do que qualquer outra coisa – algures entre as memórias clássicas do género, as mais modernas (Demy, por exemplo), e o tempero da vocação teatral de Silva Melo. Há alturas em que as personagens praticamente "dançam" dentro dos planos, em coreografias individuais ou colectivas que percorrem todo o filme. Por exemplo: toda a cena com António e Teresa depois da visita dos Blumensteins, quando à vez correm um atrás do outro, agarram-se, repelem-se, abraçam-se, entram em cafés, saem de cafés, essa cena é o quê se não um ballet? É outra hipótese para pensar **António**: um filme "em bailado", com as personagens a entoarem baixinho (como acontece, literalmente, várias vezes) a melodia da sua própria dança.

E, depois, é um filme de actores, no sentido mais gratificante que a expressão pode ter. É um filme que se agarra aos seus actores tentando ao mesmo tempo conservar uma distância, quase um pudor – e um bom exemplo desse pudor seria, já no final, a vidraça que se interpõe entre a câmara e as lágrimas da personagem de Sylvie Rocha. Actores e personagens, tudo se confunde em **António**, e isso é uma diferença fundamental para os outros filmes de actores, que nos querem permanentemente lembrar que estamos a ver um "número", e em que se vê não a personagem mas o actor a interpretar a personagem. Aqui, e de uma forma quase física (num filme cujo visionamento é também ele uma experiência com uma dimensão quase física), os actores e as personagens partilham a mesma pele, e também se poderia falar da maneira como o espectador, depois do filme, fica com os actores e as personagens agarrados à sua própria pele. É uma boa medida do sucesso da empresa (onde a relação com o espectador, mais do que de cumplicidade, se pretende de intimidade), esse lado "viciante" do filme, essa maneira como cada espectador continua o filme depois de a projecção ter terminado.

É um filme livre, irreverente, *próximo*, que quer ser simples sem deixar por isso de ser complexo, que quer manter-se realista sem ser "neo" e sem dar um pontapé na fantasia.

Luís Miguel Oliveira